

MEIO AMBIENTE, SUSTENTABILIDADE E AGROECOLOGIA 2

**Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
Dennyura Oliveira Galvão
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2019

Tayronne de Almeida Rodrigues
João Leandro Neto
Dennyura Oliveira Galvão
(Organizadores)

Meio Ambiente, Sustentabilidade e
Agroecologia
2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

M514 Meio ambiente, sustentabilidade e agroecologia 2 [recurso eletrônico]
/ Organizadores Tayronne de Almeida Rodrigues, João Leandro Neto, Dennyura Oliveira Galvão. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-328-6

DOI 10.22533/at.ed.286191604

1. Agroecologia – Pesquisa – Brasil. 2. Meio ambiente – Pesquisa – Brasil. 3. Sustentabilidade. I. Rodrigues, Tayronne de Almeida. II. Leandro Neto, João. III. Galvão, Dennyura Oliveira. IV. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

APRESENTAÇÃO

A obra Meio Ambiente, Sustentabilidade e Agroecologia vem tratar de um conjunto de atitudes, de ideias que são viáveis para a sociedade, em busca da preservação dos recursos naturais.

Em sua origem a espécie humana era nômade, e vivia integrada a natureza, sobreviviam da caça e da colheita. Ao perceber o esgotamento de recursos na região onde habitavam, migravam para outra área, permitindo que houvesse uma reposição natural do que foi destruído. Com a chegada da agricultura o ser humano desenvolveu métodos de irrigação, além da domesticação de animais e também descobriu que a natureza oferecia elementos extraídos e trabalhados que podiam ser transformados em diversos utensílios. As pequenas tribos cresceram, formando cidades, reinos e até mesmo impérios e a intervenção do homem embora pareça benéfica, passou a alterar cada vez mais negativamente o meio ambiente.

No século com XIX as máquinas a vapor movidas a carvão mineral, a Revolução Industrial mudaria para sempre a sociedade humana. A produção em grande volume dos itens de consumo começou a gerar demandas e com isso a extração de recursos naturais foi intensificada. Até a agricultura que antes era destinada a subsistência passou a ter larga escala, com cultivos para a venda em diversos mercados do mundo. Atualmente esse modelo de consumo, produção, extração desenfreada ameaça não apenas a natureza, mas sua própria existência. Percebe-se o esgotamento de recursos essenciais para as diversas atividades humanas e a extinção de animais que antes eram abundantes no planeta. Por estes motivos é necessário que o ser humano adote uma postura mais sustentável.

A ONU desenvolveu o conceito de sustentabilidade como desenvolvimento que responde as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades das gerações futuras de satisfazer seus próprios anseios. A sustentabilidade possui quatro vertentes principais: ambiental, econômica, social e cultural, que trata do uso consciente dos recursos naturais, bem como planejamento para sua reposição, bem como no reaproveitamento de matérias primas, no desenvolvimento de métodos mais baratos, na integração de todos os indivíduos na sociedade, proporcionando as condições necessárias para que exerçam sua cidadania e a integração do desenvolvimento tecnológico social, perpetuando dessa maneira as heranças culturais de cada povo. Para que isso ocorra as entidades e governos precisam estar juntos, seja utilizando transportes alternativos, reciclando, incentivando a permacultura, o consumo de alimentos orgânicos ou fomentando o uso de energias renováveis.

No âmbito da Agroecologia apresentam-se conceitos e metodologias para estudar os agroecossistemas, cujo objetivo é permitir a implantação e o desenvolvimento de estilos de agricultura com maior sustentabilidade, como bem tratam os autores desta obra. A agroecologia está preocupada com o equilíbrio da natureza e a produção de alimentos sustentáveis, como também é um organismo vivo com sistemas integrados

entre si: solo, árvores, plantas cultivadas e animais.

Ao publicar esta obra a Atena Editora, mostra seu ato de responsabilidade com o planeta quando incentiva estudos nessa área, com a finalidade das sociedades sustentáveis adotarem a preocupação com o futuro.

Tenham uma excelente leitura!

Tayronne de Almeida Rodrigues

João Leandro Neto

Dennyura Oliveira Galvão

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
USO DA ÁGUA NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E A SEGURANÇA DOS ALIMENTOS	
Eulália Cristina Costa de Carvalho	
Ana Tereza de Sousa Nunes	
Jéssica Brito Rodrigues	
Adenilde Nascimento Mouchrek	
DOI 10.22533/at.ed.2861916041	
CAPÍTULO 2	7
REÚSO DA ÁGUA CONDENSADA POR APARELHOS DE AR CONDICIONADO NO IFPI, CAMPUS TERESINA CENTRAL	
Jéssica Aline Cardoso Gomes	
Josélia da Silva Sales	
Tássio Henrique Fernandes Medeiros	
Ronaldo Cunha Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.2861916042	
CAPÍTULO 3	17
REAPROVEITAMENTO DO REJEITO DO TRATAMENTO DE ÁGUA NO SETOR DE HEMODIÁLISE	
Claudinéia Brito dos Santos Scavazini	
Lucimar Maciel Milheviez	
DOI 10.22533/at.ed.2861916043	
CAPÍTULO 4	27
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL: TRATAMENTO DE RESÍDUOS ORGÂNICOS	
Felipe Werle Vogel	
Breno Hädrich Pavão Xavier	
Thais Ibeiro Furtado	
Paloma da Silva Costa	
Geraldo Gabriel Araújo Silva	
Michele da Rosa Andrade Zimmermann de Souza	
Elisângela Martha Radmann	
DOI 10.22533/at.ed.2861916044	
CAPÍTULO 5	38
AVALIAÇÃO DA CONTAMINAÇÃO DE ÁGUA POR PROCESSO DIFUSIVO EM GEOMEMBRANAS DE POLIETILENO DE ALTA DENSIDADE (PEAD)	
Marianna de Miranda	
Paulo César Lodi	
Sandra Regina Rissato	
DOI 10.22533/at.ed.2861916045	

CAPÍTULO 6	47
APROVEITAMENTO DAS FONTES HIDRICAS ALTERNATIVAS DO IFPB CAMPUS CAJAZEIRAS (PB) – ENFOQUE NA SUSTENTABILIDADE	
Jéssica Silva Eliamara Soares Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2861916046	
CAPÍTULO 7	56
ANÁLISE DO GERENCIAMENTO DO LODO ADOTADO PELA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ÁGUA DE MARINGÁ – PR	
Luiz Roberto Taboni Junior Cláudia Telles Benatti Célia Regina Granhen Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.2861916047	
CAPÍTULO 8	66
BACIA HIDROGRÁFICA COMO UNIDADE DE PLANEJAMENTO E GESTÃO: ESTUDO DE CASO RIBEIRÃO ISIDORO	
Geisiane Aparecida de Lima Camila Marques Generoso Cosme Martins dos Santos Luciana Aparecida Silva Rayssa Garcia de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2861916048	
CAPÍTULO 9	81
CONSUMO DE ÁGUA SOB A ÓTICA DO LICENCIAMENTO AMBIENTAL NA INDÚSTRIA DE ABATE DE SUÍNOS DO ESTADO DA BAHIA	
Anderson Carneiro de Souza Silvio Roberto Magalhães Orrico	
DOI 10.22533/at.ed.2861916049	
CAPÍTULO 10	91
CONDIÇÃO NUTRICIONAL EM SOLO E FOLHAS DE ARROZ EM TRANSIÇÃO AO SISTEMA ORGÂNICO	
Luana Bairros Lançanova Luciane Ayres-Peres Thiago Della Nina Idalgo	
DOI 10.22533/at.ed.28619160410	
CAPÍTULO 11	103
DIAGNÓSTICO DOS RESÍDUOS GERADOS EM UM LABORATÓRIO DE ANÁLISE DE ÁGUA E EFLUENTE	
Bruna Maria Gerônimo Sandro Rogério Lautenschlager Cláudia Telles Benatti	
DOI 10.22533/at.ed.28619160411	

CAPÍTULO 12	115
DIAGNÓSTICO DOS CÓREGOS DE INFLUÊNCIA DIRETA DA LAGOA DA PAMPULHA COM BASE NOS REQUISITOS DO CÓDIGO FLORESTAL BRASILEIRO POR MEIO DA UTILIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS DO SIG	
Geisiane Aparecida de Lima Natália Gonçalves Assis Elizabeth Rodrigues Brito Ibrahim	
DOI 10.22533/at.ed.28619160412	
CAPÍTULO 13	128
CONSIDERAÇÕES ETNOECOLÓGICAS SOBRE O “PLANTIO DE ÁGUA” EM ALEGRE, NO SUL DO ESPÍRITO SANTO	
Gustavo Rovetta Pereira Ana Cláudia Hebling Meira	
DOI 10.22533/at.ed.28619160413	
CAPÍTULO 14	134
DIAGNÓSTICO DE MICROSSISTEMA DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA NA ÁREA URBANA DE SANTARÉM – PARÁ	
Caio Augusto Nogueira Rodrigues José Cláudio Ferreira dos Reis Junior Bianca Krithine Santos Nascimento Tiago Reis Scalabrin	
DOI 10.22533/at.ed.28619160414	
CAPÍTULO 15	142
IMPACTO DA PRESENÇA DE MATADOUROS NA QUALIDADE MICROBIOLÓGICA DAS ÁGUAS SUPERFICIAIS DO MANANCIAL DO RIO GRANDE NA ZONA RURAL DE SÃO LUÍS/MA	
Ágata Cristine Sousa Macedo Josélia Castro da Silva Debora Danna Soares da Silva Eduardo Mendonça Pinheiro Amanda Mara Teles Adenilde Nascimento Mouchrek	
DOI 10.22533/at.ed.28619160415	
CAPÍTULO 16	149
CARACTERIZAÇÃO FÍSICO-MECÂNICA DE MATERIAL GEOTÊXTIL APLICADO NA SORÇÃO DE ÓLEOS EM MEIO AQUÁTICO	
Luciano Peske Ceron Marcelo Zaro	
DOI 10.22533/at.ed.28619160416	

CAPÍTULO 17 158

A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANCS)
PARA A SUSTENTABILIDADE DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE BASE
ECOLÓGICA

Cristine da Fonseca
Patrícia Braga Lovatto
Gustavo Schiedeck
Letícia Hellwig
Amanda Figueiredo Guedes

DOI 10.22533/at.ed.28619160417

CAPÍTULO 18 164

EFEITOS NO DESENVOLVIMENTO INICIAL DE MILHO ORGÂNICO INOCULADO
COM AZOSPIRILLUM BRASILENSE SOB DIFERENTES PERÍODOS DE
ARMAZENAMENTO

Bruna Thaina Bartzen
Joice Knaul
Gabriele Larissa Hoelscher
Priscila Weber
Juliana Yuriko Habitzreuter Fujimoto
Leticia Delavalentina Zanachi
Cláudio Yuji Tsutsumi

DOI 10.22533/at.ed.28619160418

CAPÍTULO 19 169

INCIDENTES E ACIDENTES EM BARRAGENS

Lucas Vasconcellos Teani Machado
Dolapo Gbadebo Azeez
Gleide Alencar Do Nascimento Dias

DOI 10.22533/at.ed.28619160419

CAPÍTULO 20 177

IMPLANTAÇÃO DE HORTA SUSPensa COM O USO DE PLANTAS REPELENTES
A INSETOS EM RIO POMBA

Fabrcio Santos Ferreira
Jaqueline Aparecida de Oliveira
Renan Ribeiro Rocha
Vânia Maria Xavier
Leonardo da Fonseca Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.28619160420

CAPÍTULO 21 185

IMPLEMENTAÇÃO DA SISTEMÁTICA AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE:
DIRECIONADA A FERRAMENTARIAS

Luis Fernando Moreira
Fabio Teodoro Tolfo Ribas

DOI 10.22533/at.ed.28619160421

CAPÍTULO 22	196
IMPLEMENTAÇÃO DE UM SISTEMA AGROFLORESTAL PEDAGÓGICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<ul style="list-style-type: none"> Vinícius Fernandes do Nascimento Fernando Caixeta Lisboa Fernanda Vital Ramos de Almeida Siro Paulo Moreira Fabício de Freitas de Oliveira 	
DOI 10.22533/at.ed.28619160422	
CAPÍTULO 23	202
IMPORTÂNCIA E FUNÇÃO DAS NASCENTES NAS PROPRIEDADES RURAIS: ANÁLISE CONCEITUAL DOS CINCO PASSOS PARA SUA PROTEÇÃO	
<ul style="list-style-type: none"> João Paulo Pereira Duarte 	
DOI 10.22533/at.ed.28619160423	
CAPÍTULO 24	216
POTENCIAL DE UTILIZAÇÃO DA ÁGUA RESIDUÁRIA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA PARA O CULTIVO DE MILHO	
<ul style="list-style-type: none"> Priscila Freitas Santos Isabella Albergaria Pedreira Anderson Carneiro de Souza Eduardo Henrique Borges Cohim Silva 	
DOI 10.22533/at.ed.28619160424	
CAPÍTULO 25	225
OS RECURSOS HÍDRICOS EM AMBIENTES GEOMORFOLÓGICOS DISTINTOS DO NORDESTE BRASILEIRO	
<ul style="list-style-type: none"> José Falcão Sobrinho Marcos Venícios Ribeiro Mendes Edson Vicente da Silva Cleire Lima da Costa Falcão 	
DOI 10.22533/at.ed.28619160425	
CAPÍTULO 26	241
PESQUISA PARTICIPATIVA COMO MÉTODO INOVATIVO: CULTIVO E BENEFICIAMENTO DE QUINOA NA AGRICULTURA FAMILIAR AGROECOLÓGICA NO ASSENTAMENTO CONTAGEM, DF	
<ul style="list-style-type: none"> Lizzi Kelly Pereira Araújo Solange da Costa Nogueira Eder Stolben Moscon Carlos Roberto Spehar Nara Oliveira Silva Souza Joaquim Dias Nogueira 	
DOI 10.22533/at.ed.28619160426	

CAPÍTULO 27	248
O PRESENTE DO PASSADO NA TRAJETÓRIA DE VIDA DA JUVENTUDE: O PAPEL DA AGROECOLOGIA E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NOS TERRITÓRIOS DA REFORMA AGRÁRIA	
Roberta Brangioni Fontes Yan Victor Leal da Silva Maria Izabel Vieira Botelho	
DOI 10.22533/at.ed.28619160427	
CAPÍTULO 28	262
O PAPEL DO TÉCNICO AGRÍCOLA COMO UM EDUCADOR AMBIENTAL	
Claudenir Bunilha Caetano Silvana Maria Gritti Clarice Borba dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.28619160428	
CAPÍTULO 29	275
O PODER, OS SUJEITOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Ronaldo Desiderio Castange	
DOI 10.22533/at.ed.28619160429	
CAPÍTULO 30	285
PRODUÇÃO DE PEIXES ORNAMENTAIS_ OPÇÃO DE RENDA PARA CONTRIBUIR COM A SOBERANIA ALIMENTAR EM COMUNIDADES CAMPONESAS	
Kenia Conceição de Souza Matheus Anchieta Ramirez Agatha Bacelar Rabelo Ranier Chaves Figueiredo Daniela Chemim de Melo Hoyos Andressa Laysse da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28619160430	
SOBRE OS ORGANIZADORES	290

O PRESENTE DO PASSADO NA TRAJETÓRIA DE VIDA DA JUVENTUDE: O PAPEL DA AGROECOLOGIA E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NOS TERRITÓRIOS DA REFORMA AGRÁRIA

Roberta Brangioni Fontes

Universidade Federal de Viçosa
Viçosa, MG

Yan Victor Leal da Silva

Universidade Federal de Viçosa
Viçosa, MG

Maria Izabel Vieira Botelho

Universidade Federal de Viçosa
Viçosa, MG

RESUMO: A juventude do campo enfrenta diversos desafios para sua continuidade nos territórios da Reforma Agrária. Em uma pesquisa realizada durante os anos de 2016 e 2017 no Assentamento Primeiro de Junho, Tumiritinga/MG, buscamos compreender de que forma a juventude assentada relaciona-se com seu território e como essa territorialidade contribui para os vínculos com o assentamento e sua decisão de permanecer ou não no campo. Identificamos que a memória e os sonhos que os jovens possuem desempenham um papel importante na construção das leituras de mundo que eles fazem de si mesmos, nas percepções sobre o território e nas decisões de permanência e pertencimento ao Assentamento. Tendo como opção metodológica a Pesquisa-ação Participante, avaliou-se junto aos jovens que a participação nos cursos de Agroecologia e Educação do Campo valorizam os saberes

locais potencializando a história da juventude. Dessa forma, a Agroecologia e a Educação do Campo como campos indissociáveis fortalecem a territorialidade camponesa influenciando positivamente os projetos de vida da juventude. **PALAVRAS-CHAVE:** juventude; agroecologia; memória biocultural.

ABSTRACT: Rural youth faces several challenges for their continuity in the territories of Land Reform. In a research developed during the years 2016 and 2017 in Assentamento Primeiro de Junho, located in Tumiritinga / MG, we tried to understand how rural youth from Primeiro de Junho relates to their territory and how this territoriality contributes to the ties with the settlement and their decision to remain or not in the countryside. We identified that youth memory and dreams play an important role in building their worldview about themselves, their perceptions of the territory, and in their decisions of permanence and belonging to the Settlement. Having as a methodological option the Participatory action research, it was evaluated with the youth that the participation in the courses of Agroecology and Peasant Education value the local knowledge enhancing the history of the youth. In this way, Agroecology and Peasant Education, as inseparable fields, strengthen peasant territoriality by positively influencing youth life projects.

KEYWORDS: youth; agroecology; biocultural memory.

1 | INTRODUÇÃO

O deslocamento da juventude do campo para as cidades é elevado no Brasil, tendo chegado a 1 milhão de jovens no período de 2000 a 2010 (IBGE, 2010). A discussão política e acadêmica sobre a sucessão rural e permanência da juventude no campo aponta para diversos fatores que pressionam os deslocamentos, que podem ser também entendidos como uma expulsão estrutural derivada das vulnerabilidades a que o meio rural está exposto, porém, são poucas as abordagens que buscam entender de forma participante a leitura que os jovens fazem de suas trajetórias de vida e de seus territórios a partir de suas memórias.

Alguns estudos apontam como fatores determinantes para a saída da juventude do campo aspectos socioeconômicos e políticos, como a falta de infraestrutura no campo, poucas oportunidades de trabalho, dificuldade de acesso à terra, condições árduas de trabalho, modelo de desenvolvimento que privilegia o agronegócio e políticas públicas descontextualizadas (BRUMER, 2007; FERREIRA & ALVES, 2009; SNJ, 2010; WANDERLEY, 2007). Outros trabalhos enfatizam aspectos culturais como o imaginário do campo como lugar de “atraso”, a cultura patriarcal e machista que se expressa na hierarquia das relações (BRUMER, 2004; STROPASOLAS, 2014).

Todos esses fatores estão de certa forma relacionados entre si e não podem ser compreendidos sem considerar a questão agrária brasileira. (CASTRO, 2005). Portanto, para discutirmos políticas para a permanência da juventude no campo não podemos ignorar a estrutura agrária periférica e dependente do país, com elevada concentração de terras, relações de trabalho opressoras no campo, hegemonia do agronegócio e do moderno e hegemônico modelo de desenvolvimento baseado na Revolução Verde (FERNANDES, 2000; STROPASOLAS, 2014).

Nesse âmbito, trataremos aqui de uma Pesquisa-ação Participante realizada no Assentamento Primeiro de Junho, localizado em Tumiritinga, Minas Gerais, região do médio Rio Doce. Essa pesquisa foi realizada durante o Mestrado no Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Viçosa, em coautoria com a juventude do Assentamento. Durante o período do mestrado nos propusemos a investigar a relação da juventude local com a terra e o território para assim compreendermos de que forma essa territorialidade influencia sua decisão de ficar ou sair do campo e no seu compromisso com a continuidade dos projetos de vida do assentamento.

Optamos por trabalhar a relação com o território a partir das memórias de vida dos jovens, tanto por meio de entrevistas abertas e roteiro de observação, quanto por encontros realizados com a juventude no Assentamento Primeiro de Junho e relatos informais durante caminhadas pelo território. Essas caminhadas informais que podem ser entendidas como giros etnográficos - em que o que nos interessa é a leitura que

os jovens fazem da comunidade e de suas histórias - percorriam lugares diversos e possibilitavam a emergência de lembranças. Nessas memórias, as recordações, sentimentos e vínculos com o território foram se revelando em depoimentos, conversas e expressões.

Nossa realidade de pesquisa nos trouxe a noção reflexiva de território multidimensional (HAESBAERT, 2002). Essa multidimensionalidade se expressa nas dimensões econômica, política, social, cultural e ambiental que a juventude tem com seu território. (FONTES, 2017). Contudo, nesse artigo, faremos um recorte que envolverá um foco mais direcionado para as dimensões sociais, culturais e ambientais para tratarmos da relação que os jovens possuem com a memória biocultural sobre seu território (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015).

Entendemos que a memória biocultural é uma memória coletiva criada historicamente pelos povos em suas interações com o mundo natural. Essa memória abarca saberes tradicionais, afetivos e simbólicos, que são repassados de geração em geração, contribuindo para a perpetuação da vida dos povos em sua interação com o território (TOLEDO & BASSOLS, 2015).

Propor uma análise da memória de jovens pode representar o risco de tratarmos de memórias de sujeitos que ainda não viveram muito, porém, as memórias desses jovens que foram crianças Sem Terrinha, crescendo em meio a peregrinações nas estradas, à formação dos acampamentos, à experiência intensa e peculiar de viver em um assentamento, revela que essas pessoas possuem uma experiência de vida muito rica e têm muito a lembrar ainda que com pouca idade. Os jovens de nossa pesquisa anunciam em suas recordações resistências e a busca em seus sonhos por outros modos de vida. Como interpretou Brandão (1998), o *projeto* está associado à *lembrança*, de modo que a construção dos projetos de vida da juventude, para continuar o sonho de seus ancestrais que conquistaram a terra, fica comprometida se não houver memória.

Durante o trabalho de campo feito de forma participante, aprendemos que a memória e os sonhos que os jovens possuem desempenham um papel importante na construção das leituras de mundo que eles fazem de si mesmos, nas percepções e práticas no território e nas decisões de permanência e pertencimento ao Assentamento Primeiro de Junho. Junto da juventude do Assentamento Primeiro de Junho analisou-se que a participação dos jovens nos cursos de Agroecologia e Educação do Campo retomam a importância ecológica das sabedorias locais potencializando a história da juventude e criando caminhos para o saber-fazer política. Avaliamos também que a Agroecologia e a Educação do Campo entendidos como ciência e prática política indissociáveis fortalecem a territorialidade camponesa retomando as lutas por terras e territórios para além da conquista da terra.

As caminhadas no Assentamento Primeiro de Junho, as inúmeras conversas e trocas de saberes, os encontros realizados com a juventude no território nos transformaram enquanto pesquisadores. Os desafios da pesquisa participante, as

práticas de trabalho da terra, mutirões e tantas outras vivências com a juventude do MST são uma daquelas experiências que nos põem em procissão conduzindo-nos a fazer uma descrição densa e profunda de nós mesmos.

2 | O PROCESSO DE PESQUISA:

2.1 Itinerário metodológico e caminhos para sentipensar o território

O Assentamento Primeiro de Junho

O Assentamento Primeiro de Junho foi criado em 1996, ocupando uma área de 2608.1345 ha. Possui atualmente cerca de 100 famílias vindas principalmente da região do Vale do Mucuri e Jequitinhonha, onde enfrentavam situações opressoras de trabalho e vida nas fazendas da região. Sob influência da Comissão Pastoral da Terra e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de suas regiões, uniram-se ao MST em 1985. O assentamento está localizado no município de Tumiritinga, Leste de Minas Gerais, região que historicamente foi palco de graves conflitos por terras. Recentemente, por estar localizado às margens do Rio Doce, o assentamento enfrentou ainda um dos maiores crimes ambientais da história: o rompimento da barragem de rejeitos das Mineradoras Samarco/Vale/BHP Billiton, em Mariana/MG, que comprometeu a vida do Rio em toda a sua extensão, deixando um rastro de contaminação e morte.

Atualmente há cerca de 95 jovens vivendo na Agrovila do assentamento. A maior parte deles trabalha fora do assentamento: no comércio de Tumiritinga, na prefeitura, como *gabionistas* nas estradas, ou cuidando de gado nas propriedades vizinhas. No assentamento, registrou-se que as pessoas trabalham como funcionários da escola ou no próprio lote, na produção de hortaliças, mel, cachaça e leite. Alguns jovens afirmaram que realizam pequenos trabalhos informais como cuidar das crianças de famílias do próprio assentamento. Há também um fluxo intenso de jovens que saem e voltam para o assentamento em busca de trabalho.

Percebemos que a juventude do Primeiro de Junho é bastante atuante na vida comunitária. Possuem o coletivo Jovens Unidos Frutos da Terra, o JUFTER, que é um dos coletivos mais antigos, formado nos tempos de acampamento e que nunca se desfez. Na época da pesquisa, o assentamento contava com 12 jovens em cursos de Educação do Campo que estiveram atuantes desde a formulação inicial dessa pesquisa, formando um coletivo de pesquisa-ação participante que acompanhou todo o processo.

Uma questão colocada pelos jovens do Primeiro de Junho é uma percepção de que o assentamento encontra-se “dividido” pois, enquanto uma parcela considerável dos jovens tem optado por migrar para cidades próximas, como Governador Valadares ou outras um pouco mais distantes como Nova Serrana/MG, uma outra parte, principalmente os que estão em cursos de graduação ligados ao Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO), têm manifestado a vontade de permanecer

no campo, buscando alternativas para que isso seja possível.

A percepção dessa divisão é importante pois nos leva a questionar a ideia recorrente que associa o jovem rural ao “ir embora”, como nos chama a atenção o trabalho de Castro (2009). Para a autora, essa imagem está mudando e é confrontada especialmente pela visibilidade que a juventude rural organizada alcançou na esfera política a partir de 2006, atuando na reivindicação por seus direitos (CASTRO, 2009, p. 23).

Em um de seus estudos, Stropasolas (2014) também discorre sobre essa mudança, mostrando que, atualmente, enquanto uma parcela da juventude se recusa a reproduzir a profissão de agricultor não encontrando nesse labor melhoras em suas condições de vida, uma outra parcela de jovens mais engajados e/ou vinculados a entidades representativas e movimentos sociais questionam essa condição e lutam para conquistar o seu direito de viver com dignidade “formulando projetos para viver e trabalhar no campo” (STROPASOLAS, 2014, p. 180).

Em nossa realidade de pesquisa constatamos que a saída dos jovens do assentamento não se dá devido à falta de afinidade com o território, por não gostarem de viver no local, mas principalmente devido às dificuldades de gerar renda e ao imaginário de que é a cidade o local do desenvolvimento e do progresso. Nos aprofundamos nessas questões sobre os complexos motivos de “sair ou ficar” dos jovens na pesquisa realizada (FONTES, 2017). Por aqui, reiteramos que abordaremos as relações entre Memória, Agroecologia e Educação do Campo, tendo em mente que a indissociabilidade dessas relações proporciona e mobiliza ações transformadoras no território.

A Pesquisa-ação Participante:

A forma solidária de fazer pesquisa

A metodologia que orientou a pesquisa foi a pesquisa-ação participante, segundo a qual se busca a participação da comunidade na investigação e análise de sua própria realidade, assim como a proposição de ações para transformá-la (BRANDÃO, 1985). A essa proposta mesclamos outras metodologias e técnicas, sendo que para trabalharmos as memórias e trajetórias dos jovens, nos valem principalmente de entrevistas semi-abertas, de conversas informais na vivência cotidiana e da realização de encontros grupais que propiciaram trocas de saberes e histórias entre gerações diferentes.

Nos inspiramos nos estudos decoloniais e nos orientamos pela proposta de sentipensar (ESCOBAR, 2014) o território junto com a juventude, buscando uma escuta profunda, a observação atenta, o registro no caderno de campo e o convívio cotidiano. Somou-se a isso a busca por sistematizações e análises realizadas de forma coletiva para que essas não fossem feitas de forma isolada pelos pesquisadores sem a reflexão conjunta dos sujeitos que também realizaram a pesquisa.

De 95 jovens que vivem hoje na agrovila do assentamento, participaram ao todo desta pesquisa 30 jovens. Sendo que 12 desses passaram por entrevistas abertas, relatando suas trajetórias de vida. São esses doze depoimentos o foco de nossa presente reflexão. Desses 12 jovens, 5 deles já saíram do assentamento e vivem hoje nas cidades; 1 está no assentamento e deseja sair; e os outros 6 estão no assentamento e querem permanecer. Quanto aos encontros que realizamos, participaram cerca de 30 jovens e 6 adultos que são lideranças reconhecidas na comunidade. Cabe destacar que apesar de oficialmente o IBGE reconhecer como jovens os que estão entre 15 e 29 anos, utilizamos em nossa pesquisa o critério socialmente construído de auto definição de jovens. Nesse sentido, percebemos que a faixa da juventude no assentamento é mais ampla que a oficial, se considerarmos a auto definição.

Junto aos jovens realizamos visitas orientadas pela comunidade às nascentes do assentamento, mutirão de construção de fossa ecológica na casa de um dos assentados e a elaboração de uma cartografia social do assentamento realizada pela juventude. Essas práticas foram realizadas em coerência com nossa proposta teórico metodológica que parte do pressuposto de uma transformação do território de estudo a partir dos conhecimentos e demandas dos sujeitos, que no nosso foco de pesquisa eram os jovens. Além disso, junto ao grupo da pesquisa-ação participante foi realizada uma reflexão sobre as práticas e o fruto do trabalho realizado que é a dissertação. A opção por ter realizado a pesquisa com as pessoas nos faz sentir que existem formas solidárias e não solitárias de fazer a pesquisa com diversos sujeitos que atuam no campo (BRANDÃO, 2009).

Salientamos ainda que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Viçosa. Os jovens e os demais sujeitos que construíram a pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação de seus depoimentos.

3 | ENTRE PERMANÊNCIA E O DESLOCAMENTO: MEMÓRIAS, SENSIBILIDADES E MOTIVAÇÕES DE RELACIONAMENTOS COM A NATUREZA NOS DEPOIMENTOS DOS JOVENS DO ASSENTAMENTO PRIMEIRO DE JUNHO

Os conhecimentos, crenças e práticas locais que compõem a memória biocultural do assentamento, emergiram a partir das falas dos jovens ao recontarem suas histórias e trajetórias de vida. Além dos depoimentos o saber-fazer política era acionado nas caminhadas realizada pelo território, nos encontros e rodas de conversa acompanhadas de músicas e cantos do cancionário do MST. Foi por meio dos cantos, com os pés no chão, com a bandeira levantada e os punhos erguidos que os jovens do Assentamento Primeiro de Junho nos trouxeram a memória biocultural não apenas como categoria de análise, mas como algo vivo no território.

Revisitando o diário de campo, temos muitos registros de saberes sobre a mata, o

Rio Doce, as roças, as plantas medicinais, a chuva, a lida com os animais, os desafios da lida com a aroeira e a erva preta. Também encontramos crenças comuns que unem o grupo como as crenças na possibilidade de uma sociedade justa e igualitária, na Terra Sem Males, a fé em São José Operário, as místicas do MST. As práticas como as peregrinações religiosas e políticas, as relações de amizade, parentesco e vizinhança permeadas pela confiança, os festejos e comidas típicas das datas comemorativas do assentamento. Enfim, são esses diversos elementos sociais e culturais que compõem os modos de viver próprios das pessoas do Assentamento Primeiro de Junho que são acionados pelos jovens como aspectos fundamentais da relação com o território e que compõem sua memória biocultural.

Esses registros trazem noções de território que não se limitam a uma razão econômica, mas que estão próximos de um afeto pela terra, afeto pelo território cotidiano onde se vive criando vínculos e pertencimentos (BRANDÃO, 1999). Não podemos olvidar os processos de expansão do capitalismo em que coexistem valores da moralidade camponesa com outros elementos moderno-urbanos que são assimilados pela comunidade e pela juventude. Sob a nossa perspectiva a expansão do capitalismo, a produção de alimentos calcada no pacote fechado do agronegócio e a indústria cultural representam ameaças à memória biocultural da comunidade (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015).

Há, portanto, fissuras na memória biocultural. A juventude, ao mesmo tempo, que evoca essas memórias para falar do seu afeto e seus vínculos com o território, afirma que os saberes locais vêm se perdendo. Existe, portanto, a identificação entre a maior parte dos jovens de uma relação de afetividade e respeito diante da natureza, mas há a necessidade de fortalecer as práticas diretas da juventude junto à terra, apropriando-se e perpetuando os saberes locais sobre a natureza e a cultura, pois eles próprios reconhecem que não se apropriaram desses saberes como a geração anterior a eles.

De toda forma, especificamente entre os jovens ligados aos cursos de Agroecologia e Educação do Campo, esses saberes tradicionais estão sendo reivindicados. Em seus sonhos para o futuro e projetos de vida, falam em fortalecer os diálogos entre as gerações para aprender com os mais velhos, para voltar a plantar, aprender sobre os remédios naturais, retomar a “pertença”, a cultura popular, os cantos, as festas tradicionais. A juventude que tem uma relação com os cursos de Educação do Campo e Agroecologia tem organizado caminhadas e piqueniques ecológicos junto ao ‘Guardião de Sementes Crioulas’ da comunidade, no intuito de compartilhar mais de seus saberes. E por próprio incentivo dos cursos, que constantemente propõem tarefas práticas junto à comunidade, têm procurado os mais velhos para saber de suas práticas tradicionais.

Embora a memória esteja ligada a um passado de quem a viveu (BOSI, 1994), no caso da juventude, eles constroem também suas relações com o futuro, acessando a memória das gerações anteriores. No trecho a seguir podemos ver o papel da história dos pais na memória dos jovens em dois depoimentos, respectivamente:

Mãe mais pai é só juntar o grupinho que eles começam as histórias, né, muita história engraçada, legal, que dá mais vontade de ficar aqui, né, ver como hoje está ótimo, maravilhoso em vista de antigamente (Elaine, jovem que atualmente vive fora do assentamento, mas deseja retornar).

Já pensei várias vezes em sair do assentamento. Agora mesmo recebi um convite pra trabalhar numa fazenda no Pará. Eu quase fui, mas aí eu lembro das histórias que minha mãe conta e penso: “Meus pais lutaram tanto pra deixar de ser explorado pelo patrão, pra ter essa terra, e agora lá vou eu trabalhar pra fazendeiro de novo?” (Edson, jovem que atualmente vive no assentamento)

Dentre o leque de representações contidas nessas palavras, uma nos chama a atenção: o papel da memória no processo de pertencimento do território. Em ambos depoimentos, os jovens recorrem ao passado para decidir o presente. Realçando o papel da trajetória de lutas de seus pais, servindo como referencial que é incorporado e atualizado em suas trajetórias de vidas e histórias. Revisitam, assim o passado para construir o presente e o futuro, articulando lembrança e projeto (BRANDÃO 1998, TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015).

Já nas memórias de infância dos jovens, identificamos que o assentamento é caracterizado por eles como um lugar bom de se viver. Mesmo entre os jovens que saíram ou desejam sair do campo registramos a importância dada ao assentamento devido a dois fatores principais: as relações humanas de confiança, amizade, cooperação; e a relação com a natureza em função de ser um lugar de ar puro, tranquilidade, beleza, convivência com outros seres vivos, liberdade, tempos e ritmos naturais.

Esses dois aspectos são interconectados porque as relações sociais configuradas no assentamento são profundamente permeadas pela relação que se tem com a natureza e o espaço em si. Natureza e cultura influenciam-se mutuamente (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015, PORTO-GONÇALVES, 2006). Como exemplo, podemos citar que a grande maioria das casas não possui muros entre si e as cercas, quando existem, são de material frágil. De forma geral, utilizam-se as passagens, entre uma casa e outra, para cortar caminhos. Essa organização do território favorece os encontros, as conversas informais, as trocas entre vizinhos, o compartilhamento de um café, dos desafios do dia a dia.

Nas vivências da Caminhada Transversal (uma das metodologias utilizadas) e nas entrevistas, os jovens evocaram lembranças de infância relacionadas a uma sociabilidade associada a um cenário de natureza. Relembrou as brincadeiras em que a natureza era um elemento fundamental: o futebol em que as “árvores eram um gol improvisado”, as brincadeiras de “esconder no mandiocal” e os banhos num poço que atualmente está assoreado. Recordaram que muitas nascentes e córregos secaram desde que chegaram ao assentamento. Lembraram-se também do brejo que não existe mais, onde plantavam arroz.

Porém, também existiram mudanças que os jovens avaliam como positivas: o maior número de árvores, mais sombra, inclusive muitas árvores frutíferas. Quando

chegaram havia só pasto. Os desequilíbrios iniciais que existiam na terra como o cipó preto e a aroeira, foram em grande parte controlados com a homeopatia, em parceria com a Universidade Federal de Viçosa, mas hoje, voltam a aparecer como um problema. Da mesma forma, nascentes que foram cercadas e protegidas em projetos em parceria com a universidade, hoje encontram-se novamente vulneráveis devido à falta de continuidade das ações empreendidas anteriormente.

Também foram relatadas memórias sobre o saber-fazer na roça, aprendido pelas crianças desde cedo: a capina, o plantio, a colheita. Uma das jovens entrevistadas, de 28 anos, por exemplo, conta que suas irmãs mais velhas, desde os seis anos de idade já iam para a roça, “com a enxadinha para trabalhar” e foram fundamentais na criação e sustento dos irmãos mais novos. A participação das crianças nas atividades da roça é um elemento característico da sociabilidade camponesa (WOORTMAN, 1997).

A escuta das recordações dos jovens sobre suas histórias de vida revelou que suas memórias são fortemente marcadas pelas lembranças sobre manifestações culturais típicas, como os festejos locais, os mutirões, as amizades profundas, o trabalho coletivo junto à família na roça, os laços de parentesco e as brincadeiras de infância junto à natureza. Essas lembranças também são referências marcantes para aqueles jovens que hoje estão fora do assentamento e vivem nas periferias das cidades.

Outro atributo importante destacado nas lembranças foi a formação propiciada pela escola do campo que fica dentro da comunidade, caracterizada pela atenção e zelo das professoras; pelas místicas realizadas, que sempre retomavam a história do Movimento dos trabalhadores Sem Terra. Os depoimentos sobre a escola recordam as músicas, teatros, caminhadas pelo entorno, visitas às nascentes, ações de reflorestamento do entorno e pela valorização da vida local. Da mesma forma, os encontros da juventude organizados pelo MST foram lembrados como elementos importantes de formação dos jovens.

Também nas experiências dos jovens que se mudaram para a cidade, a natureza-terra ocupa um dos lugares centrais nas memórias, junto com a saudade dos familiares e amigos. Referem-se à saudade da vida próxima à natureza, de ter a sombra das árvores, a companhia dos animais, o ar puro para respirar. Uma das jovens que mora atualmente em Belo Horizonte e foi entrevistada enquanto passava as férias no assentamento, nos relatou:

Aqui é outra coisa, o céu é outra coisa, eu adoro ficar olhando, tudo é outra coisa. Até o ar que você respira, nosso Deus, você sente outra coisa. (...) Hoje mesmo já fui ali e fiquei observando e lembrando da gente falando que antes era tudo pelado, não tinha nada, hoje você sobe aqui e olha pra lá, se deixar você não vê casa. *(referindo-se às árvores que cresceram na Agrovila)* Sabe o que é bom também, essa coisa, você ouve os passarinho cantar, se você não parar para perceber, você nem vê que eles estão aí cantando o tempo todo.. Chega lá não é a mesma coisa.. você só vê carro, carro.. Eu fiquei uma vez em BH procurando se eu via alguma borboleta, quando eu achei eu fiquei observando ela até ela sumir... é raro mesmo (Elaine, 19 anos).

As palavras da jovem acima revelam a sensibilidade de quem vivencia e guarda na memória uma territorialidade tecida em uma relação de afeto e proximidade com a natureza. Para ela, esses elementos não-humanos - o ar, o céu, as árvores, os pássaros e as borboletas - são presenças importantes na sua relação com o mundo.

Apesar de estar atualmente estudando fora, outro jovem entrevistado demonstrou grande noção de enraizamento junto à comunidade, revelando uma visão da natureza como algo mágico, vivo, e uma percepção de que as relações sociais abarcam mais que os seres humanos.

Quando eu saio daqui, que eu chego em Tumiritinga que é uma cidade pequena, o clima já muda, o ar começa a pesar, começa a pesar a respiração... Então esse contato com a natureza, de você estar sempre, é... próximo aos animais, aos seres vivos, dá uma certa diferença, parece que você está mais livre, parece que você não está só naquele mundinho ali de pessoas, pessoas, você tem convívio com outros seres vivos, a gente vê coisas muito mágicas na natureza, então isso é uma coisa que chama muito a atenção (Jamerson, 24 anos).

A sensação de liberdade, para ele, está ligada à comunhão com outros seres, além dos humanos, à conexão “mágica” com a natureza. Este jovem atualmente vive em Governador Valadares para estudar, mas assim que terminar os estudos deseja voltar e trabalhar no assentamento, com construção civil e projetos para recuperação das nascentes.

Embora a relação com a natureza tenha aparecido de forma intensa no imaginário da juventude refletido nas entrevistas individuais, percebemos que no desenho do mapa da comunidade que realizamos em conjunto, a natureza foi pouco lembrada: não apareceu *a priori* nos desenhos. O foco do desenho, quando foi iniciado pelas meninas, foram as casas e as falas sobre as relações sociais estabelecidas entre os vizinhos. Posteriormente, quando os meninos chegaram, destacaram os meios de transporte, a quadra, o sinal de internet e o gado. A princípio não apareceu o Rio Doce, nem menção ao crime ambiental, nem às nascentes, nem às áreas de produção, aos tipos de árvores e animais, nem às áreas erodidas.

Todos esses elementos que citamos só apareceram depois, quando continuamos a atividade, em outro dia, no qual participaram lideranças adultas da comunidade. Esses sujeitos, logo registraram o Rio Doce, nascentes, árvores específicas, poços de peixes, áreas de preservação, erosões, voçorocas. O conhecimento biocultural dos mais velhos, do saber-fazer da vida cotidiana em relação com aquele ecossistema está mais presente do que nos jovens.

No Assentamento Primeiro de Junho, tanto entre os jovens quanto entre outras lideranças adultas, há um consenso de que a Educação do Campo é um ponto forte no assentamento, pelo fato de possuírem uma escola local que, mesmo com muitas dificuldades para manter-se fiel aos ideais de uma escola do campo, tem conseguido ser uma referência fundamental para seus educandos no que diz respeito à história

dos Sem Terra, aos seus princípios e à memória coletiva da comunidade.

Contudo, mesmo sendo território que proporciona uma relação cotidiana de proximidade com a natureza e os saberes locais, os jovens afirmaram uma perda-diminuição da vida cotidiana e do saber ecológico relacionado ao manejo da terra e dos demais bens da natureza. Em face desse desafio, acreditam que os cursos de Educação do Campo e Agroecologia, aos quais estão vinculados todos os jovens entrevistados que hoje desejam permanecer no campo, estão tendo uma contribuição fundamental na compreensão do território e de seus conflitos, bem como na proposição de alternativas que favoreçam seus projetos de futuro no local. No entendimento dos jovens, os cursos fortaleceram o sentimento de pertencimento ao campo, na medida em que estimulam e valorizam os saberes locais.

Alguns testemunhos abaixo ilustram a percepção dos jovens sobre as transformações e alternativas criadas junto ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza e Agroecologia - da Universidade Federal de Viçosa em suas vidas.

Eu também nunca tive vontade de sair do assentamento, né. Surgiu numa época uma necessidade de sair, aí eu pensei em sair, mas foi justo quando surgiu a oportunidade de vir para cá (UFV) aí eu desisti de trabalhar fora e comecei a estudar, foi aí que eu passei por uma visão de mundo completamente diferente da que eu tinha antes. Até visão de campo mesmo, o que que é campo, que benefícios o campo traz pra nós, pra nossa saúde. Aí que eu pensei: não, esse aqui é o meu lugar, minha terra, minha vida. Foi a partir do curso. (...) E eu, foi a partir do curso, coisas que antes eu não tinha nem noção, vivendo na terra, morando na terra, e hoje eu tenho mais, assim, no caso do cuidado com a terra que a gente tinha que ter, porque antes eu não tinha essa noção... tinha um pouco, né, mas hoje eu tenho muito mais noção do que antes, do cuidado com a terra, com a mãe natureza, com as águas, de não jogar veneno na terra porque isso prejudica a nós mesmos, então foi através do curso. (...) Foi através do curso sim que eu enxerguei melhor o que que é o campo (Catiane, 26 anos).

Acho que contribuiu muito para a questão da permanência no campo, igual, embora hoje eu não acho necessidade mais de eu ter que sair de lá à procura de um emprego, mas assim, antes do Curso, não é que eu não dava valor, às vezes a gente não entendia o campo como realmente é. Às vezes as pessoas falavam tão bem do campo e a gente pensava não tem nada pra fazer, não tem isso, então a gente não valorizava tanto, eu falo por mim, igual a gente tem hoje. Então, eu penso assim, a gente já ir colocando isso na cabeça da geração de Juliana pra eles tá crescendo e tá pensando do mesmo jeito, tá reconhecendo o campo ele realmente é, como a gente deve valorizar. Acho que não foi só pra mim, mas fortaleceu muito a questão da pertença, do reconhecimento do território da gente (Jusiely, 27 anos).

Nos chama atenção que mesmo aqueles jovens que já se consideravam militantes e conscientes, relataram que os cursos fortaleceram sua relação com o território. É como se os cursos relembassem algo que sofre uma pressão cotidiana para ser esquecido por parte da cultura hegemônica. Portanto, é necessário um constante processo pedagógico que alimente as memórias das lutas coletivas. Afinal, quando a memória coletiva se perde, os projetos coletivos que perpetuam e atualizam os sonhos

das gerações passadas também se perdem, pois vivemos em um permanente jogo entre o lembrar e viver, esquecer e morrer.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a juventude mais engajada ao MST, aos cursos de Agroecologia e Educação do Campo vêm tornando-se sujeitos dessas discussões no seu território, levando aos demais jovens iniciativas que retomam a história do assentamento, fortalecendo os saberes locais e recuperando a memória biocultural em um diálogo fértil de saberes com o conhecimento acadêmico que agora acessam. Isso pôde ser visto nos projetos de futuro da juventude que passaram a envolver o fortalecimento da cultura popular e da produção agroecológica e na reorientação de trajetórias de vida de jovens que antes pensavam em sair do assentamento e com os cursos passaram a ter a expectativa de permanecer, trabalhando principalmente, na produção agrícola, ou na escola do assentamento, como educadores do campo. Assim, os educandos vão de certa forma, atualizando os demais jovens, especialmente do grupo JUFTER, propondo ações que dialogam com a pauta trazida e trabalhada em seus cursos e demais movimentos sociais, com os quais têm um envolvimento potencializado também pelos cursos.

O passado de lutas dos pais no assentamento articulado com lembranças e saberes do ecossistema torna-se uma ferramenta biocultural utilizada pelos jovens em suas escolhas, projetos e trajetórias de vida. Sendo um presente do passado que guarda e atualiza os saberes locais. Nesse confronto, entre, de um lado, a cultura hegemônica capitalista, o colonialismo do saber e, do outro, os modos de vida e saberes locais camponeses, identificamos em nosso estudo de caso, que a Educação do Campo e a Agroecologia funcionam como antídoto contra a amnésia biocultural. Nesse sentido, trazem alternativas para permanência dos jovens no campo ao possibilitarem o fortalecimento dos vínculos com a terra, da identidade camponesa, a valorização da cultura, os processos de produção em harmonia com a natureza e a transmissão da história, saberes e práticas, abrindo novas possibilidades para estarem na terra, produzindo alimentos, gerando renda, conhecimentos e cultura.

Percebemos que os cursos afetaram a relação dos jovens com seu território trabalhando as diferentes percepções sobre natureza e cultura, sobre o lugar do campo em relação à cidade, sobre a identidade do jovem camponês, influenciaram a mudança de hábitos e apresentaram (ou relembrou) novas possibilidades de Bem Viver no campo. As vivências proporcionadas pelos cursos permitiram que eles revisitassem suas memórias, interpretando-as à luz de novas ideias e experiências adquiridas e assim também permitiram que pudessem ressignificar seus sonhos e projetos para o futuro.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-14.
- _____. **Memória Sertão: Cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão**. São Paulo, 1998. Editora Uniube.
- _____. **O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamento com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiados do bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- _____. Da experiência solitária à solidário. **Revista de Desenvolvimento Social**, Montes Claros, n.4, p. 5-17, dez. 2009.
- BRUMER, Anita. **Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): 360, jan./abr. 2004.
- _____. A problemática dos jovens na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 35-52.
- CASTRO, Elisa Guaraná de. **“Entre ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural.”** 2005. Tese (Doutorado) Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. 161.
- _____.et al. **Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro : Mauad X ; Seropédica, RJ : EDUR, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.) **História dos Índios no Brasil**, 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 423-430
- ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, território y diferencia**. Medellín: Ed. Unaula, 2014.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.
- FERREIRA, B.; ALVES, F. Juventude rural: alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. A. M. C. de; ANDRADE, C. C. (Org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. 303 p.
- FONTES, Roberta B. **Sonhos e memórias de re-existências no campo: juventudes e territorialidades no Assentamento Primeiro de Junho**. 167 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, UFV/ Viçosa, MG, 2017.
- HAESBAERT da COSTA, Rogério. Concepções De Território Para Entender A Desterritorialização. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. **Território, Territórios**. PPGeo-UFF/AGB. Niterói, 2002.
- PORTO-GONÇALVES, C.W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE (SNJ). Guia de políticas públicas de juventude. Brasília, 2010.

STROPASOLAS, Valmir. “A dimensão da diversidade social na concepção de políticas públicas para a juventude rural”. In: DE MENEZES, Marilda A; STROPASOLAS, Valmir L.; BARCELLOS, Sergio Botton. (Orgs.) **Juventude rural e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014: il. – (Coleção juventude. Série estudos; n. 1) Coedição com o NEAD/MDA e IICA. P. 178-199.

TOLEDO, V. M & BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural**. A importância ecológica das sabedorias tradicionais. Ed. Expressão Popular. São Paulo, 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareh Baudel. “Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para ofuturo”. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Maud X, 2007.

WOORTMANN, Ellen & WOORTMANN, Klass. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SOBRE OS ORGANIZADORES

TAYRONNE DE ALMEIDA RODRIGUES Filósofo e Pedagogo, especialista em Docência do Ensino Superior e Graduando em Arquitetura e Urbanismo, pela Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN, desenvolve pesquisas na área das ciências ambientais, com ênfase na ética e educação ambiental. É defensor do desenvolvimento sustentável, com relevantes conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem. Membro efetivo do GRUNEC - Grupo de Valorização Negra do Cariri. E-mail: tayronnealmeid@gmail. com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9378-1456>

JOÃO LEANDRO NETO Filósofo, especialista em Docência do Ensino Superior e Gestão Escolar, membro efetivo do GRUNEC. Publica trabalhos em eventos científicos com temas relacionados a pesquisa na construção de uma educação valorizada e coletiva. Dedicar-se a pesquisar sobre métodos e comodidades de relação investigativa entre a educação e o processo do aluno investigador na Filosofia, trazendo discussões neste campo. Também é pesquisador da arte italiana, com ligação na Scuola de Lingua e Cultura – Itália. Amante da poesia nordestina com direcionamento as condições históricas do resgate e do fortalecimento da cultura do Cariri. E-mail: joaoleandro@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1738-1164>

DENNYURA OLIVEIRA GALVÃO Possui graduação em Nutrição pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e doutorado em Ciências Biológicas (Bioquímica Toxicológica) pela Universidade Federal de Santa Maria (2016). Atualmente é professora titular da Universidade Regional do Cariri. E-mail: dennyura@bol.com.br LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4808691086584861>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-328-6

